

GRAÇAS A DEUS E FÉ NO TIME: etnografando culturas morais-emotivas marginais e corporalidades estigmatizadas na praça do Nova Vida, em Mossoró/RN¹

Me. Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas Sousa (PPGCISH-UERN/RN)
Raoni Borges Barbosa (DCR-CNPq FAPEPI; PPGAnt-UFPI/PI)

Palavras-chave: Técnicas corporais; Sociabilidades Futebolísticas; Mossoró - RN

Notas Introdutórias

O presente trabalho tem como proposição o estudo etnográfico do Lugar Público da Praça do Nova Vida, em Mossoró/RN, objetivando os usos cotidianos que se apropriam daquela Região Moral (PARK, 1925) fortemente impactada pela reputação envergonhada de mancha urbana marginal. Trata-se de um recorte da pesquisa intitulada *Bairro Nova Vida/Malvinas: urbanização, estigmatização territorial e sociabilidades na Praça Pública* (SOUSA, 2022)². Destaca as performances de lazer e esporte de corporalidades estigmatizadas que ritualizam a fé e momentos de sacralidade mundana em técnica expressiva neopentecostal popular no contexto moral-emotivo do bairro Nova Vida/Malvinas.

O trabalho enfatiza reflexões antropológicas sobre a observação das partidas de futebol amador ocorridas no *Campo O Luizão* durante a realização do Campeonato organizado pela Liga Mossoró, em 2019, e do Campeonato Aberto Nova Vida, em 2021. Problematiza, nesse sentido, as técnicas corporais dos jogadores e torcedores dentro e fora do campo, bem como as ritualizações pré-jogo de masculinidades viris e guerreiras; as moralidades cristãs populares e neopentecostais acionadas para a construção da pertença e da confiança, da fé no time e na gratidão a Deus; e, por fim, os afetos marginalizados e estigmatizados performatizados em orgulho e domínio do lugar.

As emoções³ construídas pelos torcedores e jogadores, - a partir de encontros e desencontros, apresentações de papéis e fachadas dentro de um encaixe interacional do

¹Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

²Pesquisa a nível de mestrado já defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, sob orientação do Prof. Dr. Raoni Borges Barbosa. A dissertação resultante da pesquisa foi recomendada para publicação.

³ De acordo com Barbosa (2019, p. 13): “As emoções são, enquanto fato social total (MAUSS, 2003), resultado das relações entre indivíduos e grupos, abrangendo códigos morais e de conduta e gramáticas de sentidos e estranhamentos tecidos no jogo cotidiano das relações. As emoções são os sentimentos dirigidos ao outro e construídos e comunicados no jogo interacional. Elas se objetificam conforme os processos intersubjetivos se cristalizam em códigos de moralidades, memórias, hierarquias e fronteiras sociais, em projetos individuais e coletivos. São, assim, emoções específicas no interior de uma cultura emotiva que orientam a ação, o discurso e as representações sociais, entre outros. As emoções são entendidas como

cotidiano da praça (GOFFMAN, 2010 e 2012), - são enquadradas analiticamente desde a expressão técnico-corporal e dos idiomas morais-emotivos que assumem.

Nesse sentido, a reflexão etnográfica sobre a cultura moral-emotiva marginal da Praça do Nova Vida a partir dos jogos simbólico-interacionais mobilizados por corporalidades estigmatizadas em sociabilidades futebolísticas levou em consideração a teoria goffmaniana da ordem interacional sempre perpassada pela emoção central *Vergonha*, isto é, pelas latentes ameaças à ruptura do vínculo interacional expressas em vulnerabilidades próprias da interação. No entender de Barbosa (2015, p.138s):

Uma vez definida a Vergonha como emoção central de uma sociabilidade dada, que aponta para a natureza processual e tensa de uma configuração social ou espaço interacional, se pode, aqui, desenvolver a ideia de uma gradiente que regula a intensidade desta emoção a variar com o nível de tensão entre os indivíduos situados nos jogos comunicacionais de trocas materiais e simbólicas. Isto significa que a vergonha pode oscilar do mais corriqueiro e ordinário embaraço, como postula Goffman (2010; 2012), e tomar a forma de constrangimento, vergonha, humilhação e estigma (GOFFMAN, 1988).

[...] Ao integrar os trabalhos de Goffman em seu conceito técnico de vergonha, Scheff permite uma análise do cotidiano de indivíduos situados em redes de interdependência e cumplicidade, com seus segredos e silêncios, seus jogos e códigos de confiança e traição, em consonância com as noções goffmanianas de salvar a face, preservar a fachada, administrar informações sensíveis para uma identidade deteriorada e organizar trajetórias morais em espaços interacionais de intensa negociação do olhar sobre si mesmo e sobre o outro.

A dinâmica concreta de uma cultura moral-emotiva dada, contudo, ao ser percebida e etnografada na ordem interacional, natural e cotidiana, implica na problematização de como as emoções e moralidades elaboradas no jogo intersubjetivo são rotineirizadas em técnicas rituais de manipulação das corporalidades, dos lugares, das territorialidades, das trajetórias e curvas de vida inscritas nos campos de possibilidade e performance do urbano. Assim que o presente artigo problematiza o cruzamento de noções de fé e gratidão e de corporalidade masculina viril e guerreira com a vivência da marginalidade e a experiência do estigma de jovens e adultos produtores e consumidores de sociabilidades futebolísticas na Praça do Nova Vida/Malvinas, em Mossoró.

Territorialidades Nova Vida/Malvinas no palco interacional Campo O Luizão

O campo de futebol pode ser palco de ocasiões sociais não-sérias/recreativas, sérias e regulares. Observei o *Campo o Luizão* ou *Campo das Malvinas* sendo utilizado

fenômeno social total (MAUSS, 2003, p. 237ss), que abarca as subjetividades, a cultura objetiva por elas construída e o processo intersubjetivo de construção de sociabilidades. As emoções, assim, constituem um idioma, uma linguagem e uma gramática das relações sociais. Da perspectiva do ator, as emoções são as teias de sentimentos dirigidas aos relacionais; enquanto, da perspectiva da interação, as emoções se apresentam como as relações e as teias de sentidos entre os atores e agentes sociais”.

para jogos de futebol em que a motivação expressa dos jogadores era um uso meramente recreativo, sendo visto por vezes pela manhã, quando homens o utilizavam o para *tirar um racha*⁴ ou quando crianças utilizavam somente uma parte do campo e ficavam chutando a bola ao gol. A atividade não pode ser vista como um treino para a disputa de futebol amador ou de várzea, mesmo que alguns dos jogadores sejam membros de grupos que fazem parte dessas categorias.

Não é o caso da Associação Desportiva do IPE/ADIPE, fundada em 1987, e cuja sede apresenta-se na rua lateral da praça, tendo sua entrada voltada para ela. A Associação utiliza o campo para seus treinos, por meio das diferentes categorias de jogadores, divididas por idade e porte físico do jogador. Mediante a ação do treinador, os sujeitos são estabelecidos em um mundo social interligado com a prática desportiva, havendo casos de jogadores integrados desde criança na Associação e atualmente exercendo o papel de jogador do clube de futebol amador, assim competindo com outros times do município⁵. Mesmo que muitos moradores do bairro estejam dispostos apenas para a recreação ou lazer, a ocasião social de caráter sério tem como finalidade o aperfeiçoamento dos atores e agentes sociais para bem desempenharem o papel social de jogadores de futebol. Os treinos sérios, assim, têm dia e hora marcada, ocorrendo ritualmente toda semana, variando conforme o horário de cada categoria. Esse processo ritualizado fortalece a *rede de sociabilidade*, seja para exercer o papel de jogador ou outro.

O campo O *Luízão* ou *Campo das Malvinas* é também um lugar para a disputa dos clubes de futebol da cidade, que se relacionam em rede com os outros campos e pessoas de outras territorialidades e lugares da cidade de Mossoró/RN, havendo um deslocamento de torcedores e jogadores conforme a agenda do campeonato. Disto resulta que a Praça do Nova Vida se torna conhecida como lugar fundamental para que o campeonato de futebol de bairros possa ocorrer. Quando os jogos ocorrem naquele lugar, é um entretenimento para os moradores, que circundam o campo de futebol assistindo à partida, além de servir como oportunidade para aqueles moradores que desejem comercializar aproveitando a movimentação da praça. O campo não pode ser tido somente enquanto

⁴ Partida de futebol composta por onze jogadores em cada time, mas sem equipe técnica, em que os próprios jogadores gerenciam o time e mediam a arbitragem de jogo. Suas regras são bastante variadas, - podendo haver a troca de jogadores ou de time ao placar chegar a um certo número de gols ou a um certo tempo da partida em disputa, - todas elas pré-estabelecidas antes da partida começar.

⁵ É importante perceber que nos dias atuais o ADIPE compete em ligas a partir do nome Adibe, nome contido no letreiro da sede. Mesmo assim, por vezes a associação se divide em dois times para competir em campeonatos locais, como é o caso da Liga Mossoró 2022, inscrevendo o ADIPE Confecções e o Adibe.

espaço para o jogo, mas, sim, enquanto um lugar de fortalecimento de vínculos sociais e de identidades sociais ligadas ao *Mundo Desportivo*, formando vínculos de amizade e rivalidade, intrabairro e extrabairro, a partir dos campeonatos que são realizados nele, sendo uma atividade que consegue fazer com que toda a dinâmica da Praça orbite em torno de si.

Assim, podem existir moradores de Mossoró que conheçam a territorialidade *Nova Vida/Malvinas* tão somente a partir da ida à Praça assistir ou jogar uma partida, que ocupa esse espaço público no desenrolar das partidas, mas que tão logo se retire. De modo análogo, o campo pode ser pensado como uma porta de entrada para o estabelecimento de *Redes de Sociabilidades* entre moradores de outros bairros e os moradores do Nova Vida/Malvinas. Fazendo com que o lugar seja bem visto pelos campeonatos de futebol, mas a praça e o bairro em si continuam estigmatizado como um *lugar perigoso*. O dia em que foi possível fazer a observação da *Praça do Nova Vida/Malvinas* enquanto havia uma partida da Liga de Futebol de Mossoró⁶ foi essencial para a compreensão de como as diferentes situações se sobrepõem nas atividades de ocupação da praça, sendo possível observar diversos sujeitos que moram no bairro ocuparem esse *Lugar Público*.

Nesse momento, focarei nas *ocasiões sociais* de caráter *sério e regular*, sobretudo na observação dos treinos e dos jogos pela Liga Mossoró⁷. Um ponto que dificultou minha imersão em campo foi meu afastamento subjetivo das competições, rachas e campeonatos. Até a realização da pesquisa, nunca havia ido assistir a uma partida. Então, dois informantes se mostraram fundamentais para o caminhar da pesquisa, os quais chamarei de *LH* e *SF*. Sempre costumava encontrar os dois em dia de jogo e assistir junto a eles: LH já havia treinado no Adibe durante a infância, conhecia muitos dos jogadores e costumava acompanhar os treinos que ocorriam à noite; SF também era amigo de muitos jogadores e costumava andar com alguns deles, além disso, em uma página no *Instagram* ele costumava registrar o cotidiano da comunidade, onde dentre as postagens havia registros das partidas que ocorriam no *campo o Luizão*.

⁶ A Liga Mossoró 2019 é uma realização da empresa Linerik Comunicação em parceria com a Fundação Potiguar, que conta com o patrocínio de empresas locais e de personalidades públicas e políticas.

⁷ Curiosamente, uma das primeiras incursões pré-campo que fiz na Praça, ainda sem escrever o diário de campo, foi justamente em um dia de jogo. Naquele momento ainda parecia bastante nebuloso compreender a ocasião, justamente pela movimentação e alta ocupação que estava a praça nesse dia. Mas já na incursão do dia 07 de dezembro de 2019, primeira vez que pude fazer *Observação Participante* em dia de jogo, consegui compreender melhor e a partir desse momento começar a traçar minha interpretação sobre a ocupação do campo e perceber como essa atividade específica iria permear todo a minha etnografia.

Posições dos jogadores e torcedores dentro das competições *cotidianizadas* no *Campo o Luizão*

Escolho apresentar uma imagem para iniciar o debate que se segue por ser um *Frame Situacional* empiricamente rico e capaz de mostrar como o etnógrafo que realiza pesquisa sobre o urbano precisa lidar com as produções que os atores e agentes sociais estão produzindo sobre si e sobre o espaço que ocupam. A imagem enquadra com maestria o que foi encontrado nessa realidade social: os vínculos entre times, campeonato e os moradores do Nova Vida/Malvinas e como eles de forma literal *entram em campo* para torcer.

Figura 1 – Fotografia registrada e postada por SF, apresentando o campo no momento da disputa por pênaltis entre Abelhas e Adibe.



Fonte: Rede social Instagram, 2020. Capturado do perfil @nmrfoluas. www.instagram.com/nmrfoluas.jpeg/.

O momento captura uma final por pênaltis, quando a disputa pelo espaço físico fica muito mais intensa: todos querem ver, querem demonstrar sua torcida e que *vestiram a camisa*⁸. Refletindo sobre o contexto na qual a imagem foi produzida, anotei em diário de campo:

Na beira do campo, havia aqueles torcedores mais fascinados que gritavam com os jogadores diante algumas jogadas ou dando sugestões. Até mesmo torcedores, que em tom jocoso, oferecia dinheiro para que o goleiro do time do Abelha entregasse o jogo.

Após o segundo tempo, por ter terminado zero a zero, o jogo foi para os pênaltis, nesse momento, os torcedores que estavam assistindo sentados nos

⁸ Na imagem a maioria dos corpos expostos são de homens, que protagonizam dentro do time e na torcida. À margem direita se observa a única mulher que é possível identificar, vestida com uma blusa verde de alças e segurando sua filha. À margem esquerda, o jogador do Adibe se prepara para bater o pênalti, à direita vê-se o goleiro do mesmo time que faz suas preces agachado na zona de escanteio, sabendo que logo a responsabilidade estará em suas mãos.

bancos invadiram o campo e assistiram aos pênaltis ali dentro, gritando contra os jogadores do *abelhas* numa tentativa de intimidação, mostrando que a grande maioria realmente tinha como seu favorito o *Adibe*. (Diário de campo do pesquisador, 07 de dezembro de 2019).

No relato etnográfico, é possível perceber o enquadramento anterior que vai levando até o *frame situacional* registrado por SF, onde os torcedores ainda estavam sentados nos lugares para assistir tanto aos jogos quanto aos treinos. A posição anteriormente ocupada, sentados em um lugar de espera, é substituída por uma postura ativa dentro de campo, adentrando no *Mundo Especial Jogo* (HUIZINGA, 2019), a posição de ambos os papéis situacionais se aproximam. Enquanto isso, de costas para os torcedores, o goleiro do *Adibe* realiza suas preces, dentro de uma técnica corporal advinda dos aprendizados em *sociabilidades futebolísticas*, que ganha sentido contextualmente. A invasão do *Mundo Especial do Jogo*, - se acontecido em outro momento poderia ser entendido como um desregramento que levaria ao fim da partida, - mas dentro da existência histórica das competições no campo, da pertença mútua entre jogador-torcedor e o próprio aprendizado *rotineirizado*, levam à admissibilidade dessa ocupação pontual do campo.

Na observação dos jogos que se sucederam durante a pesquisa foi possível fazer uma cartografia social do uso específico do campo pelos torcedores, tendo em vista que sempre se repetia um certo padrão. Como possíveis fatores, estava o horário no qual a ocasião se realizava, podendo ter mais sol e precisando buscar outros lugares na sombra; quais times estavam jogando; de onde eram os torcedores desses times, como, por exemplo, quando havia jogo entre Abelha vs. Adibe, quando eles ficavam em lugares diametralmente opostos. Outra questão encontrada é da dinâmica na praça de uma forma mais geral, ou seja, de como as outras *ocasiões sociais* (GOFFMAN, 2010) e *sociabilidades* se desenvolvem nesse *Lugar Público*. Assim, a partir de um dia específico⁹, busquei ilustrar a distribuição dos torcedores e onde se concentram os times no pré-jogo em dias em que estão sendo realizadas as rodadas do campeonato da Liga Mossoró.

⁹ Nessa distribuição em específico, os lugares ocupados normalmente pelos espectadores foram decompostos a partir da identificação de qual era a torcida e/ou o time que ocupava o determinado espaço. Assim, a *galera dos teimosos* se encontrava na parte mais próxima à pista, estacionando seus automóveis na proximidade da creche do bairro. O time do Adibe, que jogaria a segunda partida do dia, ia chegando aos poucos e se sentavam mais próximo de onde estavam os moradores das *Malvinas*. O time do Abelhas, que fizera o primeiro jogo contra os *Teimosos*, sentou-se próximo aos bancos de reserva. O chamado *camarote* fica debaixo de algumas árvores por trás dos bancos de reserva. Nele alguns homens que moram no bairro pegam cadeira nas casas vizinhas e assistem às partidas enquanto conversam e bebem.

Croqui 1: Representação da praça no dia 19 de fevereiro de 2022. Distribuição dos torcedores entorno da arquibancada. Jogos da semifinal pela Liga Mossoró 2021: Abelhas VS Teimosos e Adibe VS São Luiz (Sumaré).



Fonte: Google Earth, 2022. Editado pelo autor, a partir de um croqui feito à mão.

No dia da semifinal da Liga Mossoró 2020, - que devido à pandemia sua duração foi estendida até o início de 2022, - eu fiquei inicialmente assistindo à partida junto à *galera dos Teimosos*, por acreditar ser uma oportunidade de adentrar nas sociabilidades estabelecidas por eles. Assim, conforme relatei no diário:

Maioria de homens, eles chegavam em automóveis, estacionavam perto da creche e se achegavam no pedaço debaixo do cajueiro, aproveitando sua sombra. Enquanto assistiam a partir do seu time, alguns bebiam, conversavam e davam pitaco no jogo, tudo em um tom bastante jocoso. Ali, eles não formavam um espaço fechado, na verdade eles interagiam com pessoas das Malvinas e conheciam eles. Recorrentemente alguns brincavam com Alan, dizendo: “você num disse que não vinha?”. Aparentemente, a não ida dele seria instigado pelo medo da violência. Expressa na fala de Fernando, jogador do Adibe, que disse em tom de brincadeira: “Você num disse que não vinha? Cuidado com onde você tá!”. Sendo retrucado por alguns que estavam lá: “Fale baixo, omi” (Diário de campo do pesquisador, 19 de fevereiro de 2022).

Os torcedores que vem de outros bairros não ficam isolados, possivelmente por terem uma mesma pertença às *sociabilidades futebolísticas*, participando e acompanhando de outros jogos em outros lugares. Muito dos jogadores do Adibe, quando passavam, cumprimentavam e brincavam com os torcedores dos Teimosos. Mas existe um grau de afastamento, sendo pelo lugar que eles ficaram ou pelas brincadeiras tiradas, envolvendo um momento anterior onde um dos espectadores disse que não ia ver o jogo por medo da violência, já que dias antes tinha havido um enfrentamento entre as pessoas da facção predominante no Nova Vida/Malvinas e a predominante nos Teimosos¹⁰.

¹⁰ Sobre esse ocorrido, vê a seguinte “reportagem” <https://ocamera.com.br/popular-e-morto-com-tres-tiros-nas-costas-dentro-do-clube-da-caixa-em-mossoro>.

Graças à Deus e Fé no time: ritualizações de fé e disciplinamento do corpo para as sociabilidades futebolísticas

Outros acontecimentos nessa semifinal corroboraram com as reflexões feitas a partir da final da edição anterior do campeonato. Esses acontecimentos me fizeram crer que a entrada em campo pelo time vai além de um mero lugar para poder assistir à partida, já que parece estar relacionada com os gritos, a torcida, a oferta de dinheiro em forma de tom jocoso. Essas ações apontam para as formas de *sociabilidades* encontradas em dias de jogo, adensadas por ser a final em que dois times locais decidiam quem seria o campeão, estabelecendo uma situação social onde a *prece* do goleiro e a os *gritos* da torcida se juntavam em uma ritualização em *jogo* de um *Ethos Masculinista* (DUNNING, 1993). O momento em que os torcedores *ocupam* o campo se trata de situação já em curso e há uma posição ocupada previamente. Existe, então, o desenvolvimento de uma ritualização da torcida, que transcorre durante a partida. Assistindo ao jogo da semifinal junto aos torcedores do Adibe, era percebido a comunicação em gritos da torcida:

Sendo a única mulher naquele pedaço, a companheira de um jogador do Adibe - que não jogaria naquele dia por estar suspenso - assistia e comentava o jogo na beira do campo, sentada na *arquibancada*, que é um espaço hegemonicamente ocupado por homens. Com bastante propriedade ela comentava sobre o jogo e dava suas opiniões sobre as jogadas.

Um ponto que percebi desde o último jogo que assisti que assisti, é a interação dos torcedores nos jogos. Eles dão toques, tiram brincadeiras e dão sugestões de jogadas, seja o para o técnico, para os jogadores ou para o Juiz. LH torcia gritando, sempre em com comentários dotados de jocosidade. (Diário de campo do pesquisador, 19 de fevereiro de 2022).

Com a torcida ativa em forma de exclamações, reclamações e sugestões, esses agentes sociais passaram de espectadores para partícipes, simbolicamente, do *jogo*. Do ponto de vista do *jogo social* (SIMMEL, 2006), todos que estão nessa *ocasião social* (GOFFMAN, 2010) são partícipes, mesmo que os papéis sociais exercidos possam divergir entre si. A partir das lições goffmaniana e simmeliana, as próprias interações seriam parte de um jogo entre os indivíduos, porém, creio que exista uma diferenciação importante entre esse *jogo social* e a partida de futebol que se desenvolve. Levemos em conta a definição de jogo de Huizinga (2019, p. 12):

Reina dentro do terreno de jogo uma ordem específica e absoluta. E aqui chegamos a uma outra característica sua, mais positiva ainda: ele cria ordem e é ordem [...] exige uma ordem suprema e absoluta: a menor desobediência a ela “estraga o jogo” privando-o de seu caráter próprio e de todo e qualquer valor.

Ao passo que se admite a torcida enquanto partícipe do jogo social junto ao time, do ponto de vista da partida eles só podem intervir simbolicamente, já que as interrupções

externas colocariam em risco a *ordem suprema da partida* mediada pelo árbitro, que detêm o poder dentro do mundo ordenado das partidas, mas não tem autoridade para intervir no *jogo social*, sendo necessário para tal a intermediação de quem realmente possa intervir, nesse caso, o poder público. Na linha conceptual goffmaniana, a *ordem suprema da partida* instaura no espaço público, socialmente apropriado para a sua realização, uma normatização a partir de regras e etiquetas sociais definidas¹¹.

Profanar a representação social do árbitro e sua equipe poderia criar uma situação de indefinição e de quebra da normalidade normativa, já que eles portam uma identidade social virtual composta pela autoridade que lhe foi atribuída pela composição das regras acordadas por ambos os times. Nos *ponderáveis* da etnografia, as invasões e ocupações ao campo foram vistas duas vezes enquanto o jogo estava *rolando*: uma criança ocupou o campo; um bêbado *contumaz* morador da Praça invadiu o campo. Nenhum desses acidentes desenrolou uma situação de *engolfamento* da situação, possivelmente pela compreensão de que criança e bêbado não tinham a capacidade de sustentar a *propriedade interacional* e por serem *desacreditáveis* (GOFFMAN, 1988).

Focando novamente na torcida, compreendo que esse agregado busca por meio da sua ritualização incentivar o time a jogar em sua melhor performance, pelo menos a que ela acha que seja a capacidade do time, além de afetar a performance do time adversário a partir dos gritos e das piadas de desfiguração moral e de humilhação. O mesmo comportamento também é direcionado à arbitragem, para que não vacile na mediação das regras acordadas previamente pelos times, já que a má condução pode levar diretamente à suspensão do *jogo* (HUIZINGA, 2019). Quando o tom jocoso se apresenta nas cobranças ao árbitro e como arma contra o time adversário, parece ser um dispositivo comunicacional que minimiza os efeitos do enquadre da situação como de enfrentamento moral ou de interferência na arbitragem. Não se anula o caráter moral da brincadeira, nem a possibilidade que seja entendida como forma de ofensa, mas instaura uma dubiedade que cria escapes situacionais.

Nessa ritualização entre jogador-torcedor, o papel social deles se encontra na tentativa de levar o time à vitória, que simbolicamente perpassa os sentidos de *fé em Deus*, que antes de tudo poderia consagrar a vitória, se somando também a tática guerreira do

¹¹ Nesse sentido, as ocupações ilegítimas do campo seriam vistas como uma *impropriedade situacional* (GOFFMAN, 2010) por parte daquele que infringe tal sacralidade informal das civilidades que permeiam o *Comportamento em Lugares Públicos*. O perpetrador é visto como um ator e agente social que não tem competência para apresentação do *rosto* adequado para a ocasião social situada, já que lhe é cobrado uma representação de fachada adequada socialmente para a linha de interação que está sendo realizada.

Ethos Masculinista, para derrotar o inimigo. Por parte do torcedor, também cabe a *Fé no Time*, de que são capazes de vencer e que em momentos críticos e decisivos – como em uma disputa por pênaltis – os torcedores se somarão em campo aos 12 jogadores e ao técnico, demonstrando que também vestem a camisa. Por outro lado, as posições ocupadas pelos torcedores também salienta as *formas* de assistir às partidas de futebol nesse campo, se apropriando do espaço funcional construído pelo Poder Público de forma a dotá-lo de sentido para aquela situação específica. Observando o pré-jogo do time do Adibe na semifinal do dia 19 de fevereiro de 2022, percebi que as ritualizações dos times começam nesse momento, enquanto conversam sobre a partida concentrados em um lugar da Praça. Foi por estar acompanhado de SF que pude ficar nesse *fundo de palco* (GOFFMAN, 2012a) da ocasião social abordada e relatar a experiência no diário de campo.

Figura 2 – Fotografia capturada por SF, registrando o momento de comunhão pré-jogo do time Adibe.



Fonte: SF, 2022. Cedida ao autor e enviada via *WhatsApp*.

Em sua ávida vontade de acompanhar o Adibe, a fotografia registrada por SF enquadra a roda feita pelos jogadores para a comunhão pré-jogo, reunidos em um lugar da Praça diretamente à frente de sua sede e ficando por trás de onde os espectadores usualmente assistem aos jogos. Todos de olhos fechados no momento da *prece* (MAUSS, 2017), eles fazem uma oração para que possam ter um jogo com um resultado favorável, caso seja a vontade de Deus, conforme relatei sobre esse acontecimento:

Acompanhando SF e seu interesse em registrar, fotografar e cobrir o Adibe, vi ele tirando algumas fotos da concentração do time no pré-jogo, onde eles falavam sobre o jogo, sobre companheirismo que deviam ter durante a partida: saber que são um time, que não deve existir egoísmo nas jogadas e que deveriam jogar coletivamente. Saber que quem estiver como titular foi por causa da demonstração de *garra* nos treinos, mas que todos estão juntos pela vitória. Além disso, sobre não importar o resultado, pois sabiam que poderiam fazer um bom jogo e que tinham treinado bem e caso tivessem *garra* e gás a vitória era consequência e se fosse vontade de Deus. Sendo também um momento de fé, já que uma das dinâmicas de concentração do time é fazer uma oração de olhos fechados, rezar o pai nosso junto em gritos que tomam toda

praça e logo em seguida após terem se sincronizados na reza, eles gritam: 1,2,3. ADIBE” e “1,2,3 JESUS”.

A prece imbuída por sentidos de fé pode se dar pela compreensão de que não se trata de um mero jogo, e por isso os jogadores do Adibe trazem suas convicções de vida do *submundo* (GOFFMAN, 2012) religioso para uma significação social que penetra as outras *províncias finitas de sentido* (SCHUTZ, 1979). Pode-se entender, a partir de Mauss (2017, p. 117), que a *prece* parte de um sentido religioso, mas isso não significa que seja pertencente apenas à subjetividade dos atores e agentes sociais:

Uma prece não é apenas a efusão de uma alma, o grito de um sentimento. É um fragmento de uma religião. Nela ouve-se ressoar o eco de toda uma imensa sequência de fórmulas/ é um trecho de uma literatura, é o produto do esforço acumulado dos homens e das gerações. Isso significa que ela é antes de tudo um fenômeno social, pois o caráter social da religião está suficientemente demonstrado.

Por ser um fenômeno social e graças às transformações sociais que fizeram com que a *prece* fosse flexível diante da liturgia religiosa e do espaço público mundano em que pode ser realizada (MAUSS, 1979), faz-se possível que essa *prece* realizada pelos jogadores do Adibe tenha tanto eco de uma liturgia evangélica quanto em outras mais ligadas ao dogma católico. Assim, eles se unem no *submundo desportivo*, já que a dinâmica se baseia no reconhecimento de que fazem parte de um todo, o Adibe, e que o aperfeiçoamento em treino é o que levou os titulares a estarem à frente, não sendo por questões pessoais, mas pelo reconhecimento da *garra* e do *gás* que eles podem demonstrar. Nessa ritualização, ser do time significa ter como *Ethos* o fruto do cruzamento entre cristianismo e práticas guerreiras. Assim como eles aprenderam socialmente no *submundo religioso*, Deus é capaz de torná-los vencedores caso o *trabalho* deles tenha sido bem feito. Por isso, ao encerrar o momento de *prece* sincronizando os gritos, eles evocam os dois entes representativos desse *Ethos*: *Jesus* e o *Adibe*.

A *prece* faz parte de um jogo social maior, de demonstração de atributos pessoais que antes atariam a vida como um todo. Pode-se pensar que esse grau de autonomização se deu a partir de certas transformações *das formas sociais de sociacão* e do caráter de liberdade que as *sociabilidades* adquiriram; assim, o jogo se tornou um espaço de predileção para a representação de atributos antes aderidos à vida como um todo. Nas palavras de Simmel (2006, p. 63):

Caçar, conquistar, comprovar forças físicas e espirituais, competir, pôr-se à mercê do acaso e do capricho de poderes sobre os quais não se tem qualquer influência – tudo isso que antes aderira à vida em sua seriedade agora se subtrai

a seu fluxo, à sua matéria, desapega-se da vida. Automaticamente, escolhe ou cria os objetos nos quais irá se testar e representar-se em sua pureza. Isso confere ao jogo tanto sua alegria quanto seu significado simbólico, tornando-o diferente do puro divertimento.

No caso etnografado, o jogo se torna um lugar ideal para se demonstrar que graças ao disciplinamento e aperfeiçoamento das técnicas corporais e expressivas de virilidade, em suas demonstrações guerreiras que visam derrotar o adversário, o time é digno para ser agraciado com a benevolência divina, que os guia durante os jogos. A força espiritual contida na *fé* e a força física contida na *garra* e no *gás* do time fazem os jogadores se tornarem quem são. Além disso, possibilita o escape da violência de forma socialmente legítima (DUNNING, 1992) e onde os riscos do confronto na *vida real* sejam mediados pelas regras do jogo. O risco pode ser parcialmente contido pela instauração da *ordem suprema de partida*, mas certamente os benefícios da performance da masculinidade viril são repassados para a *realidade suprema da vida cotidiana* (SCHUTZ, 1979). Longe de buscar formas sociais deterministas para o cotidiano da Praça, é preciso lembrar de que, à priori, as situações sociais são dadas a partir das interações entre os atores e agentes sociais. Existe um momento etnográfico onde esse equilíbrio da *Ordem Social* parecia instável por uma latente sensação de tensão moral na Praça, como apresentado em relato:

O jogo observado hoje estava bem mais violento que todos os outros assistido, não sei se isso se deve à rivalidade entre Adibe e Abelha – que inclusive dividem o mesmo espaço de treino - ou ao contexto de violência que cercava a praça, mas de maneira geral parecia que a qualquer momento poderia haver uma situação de estopim que levaria à uma agressão se não generalizada, pelo menos uma briga entre os jogadores. Se fez necessário várias vezes uma dura intervenção do juiz em detrimento do grau de agressividade entre os jogadores.

Do lado de fora, era possível escutar os comentários de um homem na mesa vizinha, que falando que no tempo que ele jogava era uma agressão muito maior, que a bravata deles não resistiria ao grau de agressão do tempo que ele jogava. Interessante perceber também que muito dos jogadores do Abelhas são ex-jogadores do Adibe ou passaram pela base do clube, mas que em algum momento decidiram que era melhor sair e formar um time próprio. (Diário de campo do pesquisador, 18 de setembro de 2021).

O “contexto de violência que cercava a praça” remetia a um *clima de insegurança* gerado pelo assassinato, três dias antes do jogo, de um jovem conhecido no bairro, fato correlacionado com uma carreira moral no *submundo* do crime. Esse jovem seria homenageado pelo Adibe e por alguns amigos no início da partida.

Dentro de campo, as jogadas mais violentas tomaram conta do jogo, o que se dizia nos comentários daqueles que assistiam à partida. Nesse contexto situacional específico, foi possível perceber que o papel do árbitro se destaca conforme a violência encenada pode virar uma desordem, em que o jogo se transforma na violência *per si*. A rivalidade

entre Abelhas e Adibe era apontada como justificativa plausível para aqueles que assistiam à partida, - inclusive LH, - sendo assim uma questão de dentro de campo, e não por motivações pessoais, já que os jogadores seriam conhecidos e já dividiram o *manto* do Adibe em um passado recente¹².

Nas observações de campo que se seguiram, após o dia 18 de setembro de 2021, estive interessado em perceber a expressão da violência por parte dos times locais, - Adibe e Abelhas, - surgindo a ideia de assistir aos treinos e compará-los com as partidas sérias, pois se a pressuposição é de que a violência é *sui generis* ao futebol moderno e de que ela faz parte de uma ritualização do *Ethos Guerreiro* por parte dos jogadores, como seriam os treinos em que a equipe se divide em dois times e joga entre si? apesar do interesse de assistir a um treino de dentro, eu não contava com nenhum membro do time do Abelhas como informante, sendo tanto LH e SF torcedores do Adibe. Assim, minha ideia inicial só se fez possível a partir do convite de LH, quando pude assistir a um treino do Adibe sentando no banco de reservas do campo.

Aquele barulho pré-jogo entrou em contraste direto com as interlocuções quando o jogo começou. Havia um certo silêncio, focando em interlocuções importantes para o jogo – passes, alertas sobre posições e cobranças -. Ao perguntar à LH a respeito daquele silêncio ele falou que se devia a presença de Toinho, o treinador. As comunicações mais duras e por vezes contida de xingamentos se concentravam apenas nos momentos em que o jogador perdia uma oportunidade de Gol. Entre esses torcedores mais *chegados* que me acompanhavam e os jogadores em campo parecia haver liberdade para certas brincadeiras, falar sobre qualidade do jogador, do passe ou elogiar uma jogada. Com provocações como: *Toin, esse aí é titular do seu time? Tem quantos gols no campeonato?* (diário de campo do pesquisador, dia 29 de novembro de 2021).

Ao adentrar o *campo o Luizão* naquele dia, encontrei um cenário ainda de preparação para o jogo: os membros do Adibe iam chegando e conversando até que tivesse início o treino. As conversas tratavam de temas do mundo do futebol, como resultado dos jogos do *brasileirão* e o desempenho dos clubes nesse referido

¹² Para um dos espectadores, apesar de haver um agravo na violência, já foi bem pior. As quedas e reclamações dos jogadores não passariam de um embuste e de bravatearia, característica própria de certos *tipos* de jogadores. Isso demonstra que dentro das *sociabilidades e atividades futebolísticas* dessa Região Moral, as técnicas corporais dos jogadores passaram por transformações, demonstradas no encontro da concepção técnica de um homem mais velho que assistia à partida e das técnicas corporais contemporâneas do futebol amador. Se as técnicas corporais são socialmente situadas e perpassam um processo de educação geracional, conforme apontado por Mauss (2017), é possível refletir a respeito da posição que a *violência* ocupava no *adestramento* anterior e a que ocupa atualmente dentro da transmissão da técnica. Conforme salientado, alguns desses jogadores treinam no Adibe desde a infância, passando pelo mesmo técnico e treinador, tal como alguns dos jogadores do *Abelhas* que já vestiram o manto do Adibe. Assim, as técnicas corporais de ambos os times em campo nesse *frame* relatado foram atravessadas pela educação social *rotineirizada* no campo da Praça: jogando entre eles desde crianças, passando pelas transmissões do mesmo técnico e observando os jogos dos mais velhos.

campeonato¹³. Não era visto uma comunicação violenta, nem mesmo jogadas mais duras, sendo um momento em que a técnica do corpo e seu disciplinamento dominava. Ao perceber o direcionamento do treino, a *prece* relatada anteriormente ficou mais nítida. Aquele era um momento de competição interna, mesmo que somente parte deles fossem escalados como titular para o jogo, o fato de treinarem entre si fazia com que a maioria demonstrasse *garra*. A comunicação devia ser objetiva para que as técnicas fossem coletivamente pensadas, a comunicação mais dura viria quando um deles falhasse em marcar o gol após a jogada coletiva. A presença do treinador adensou o disciplinamento, já que caso não houvesse a presença dele, talvez não houvesse tanto foco nas comunicações que visassem o próprio jogo, conforme se pressupõe a partir da resposta de LH à minha indagação. O treino é pensando como peça essencial para a transmissão e aperfeiçoamento das técnicas, momento de educação e disciplinamento dos corpos sob o olhar vigilante do treinador, que fortalece sua autoridade a partir da pertença prolongada dos jogadores com o campo e com o time.

Apesar de ser um treino aberto, já que quem chegasse ao campo podia assistir ao jogo, não existia naquele momento o mesmo envolvimento dos espectadores, que muitas vezes estavam *meramente situados* (GOFFMAN, 2010), envolvidos em outras ocasiões sociais enquanto assistiam despretensiosamente ao treino. Não era tão diferente comigo e com os torcedores mais *chegados* que me acompanhavam, pois enquanto assistíamos, eu me dividia entre observar o treino para a pesquisa e demonstrar *deferência* ao diálogo que estávamos tendo a respeito de política local. LH também estava nessa dupla disposição: enquanto torcedor *chegado* ele parecia provocar os jogadores, sugerir passes e xingar quando se errava uma jogada¹⁴.

Notas finais

Graças à interface feita entre a observação de um jogo mais violento e um treino, penso ser possível refletir melhor a respeito do momento de *prece* (MAUSS, 2017) nesse lugar público, em sentido goffmaniano de ordem interacional monitorada em primeiro plano em regime de tensão palco – bastidores e, em segundo plano, em regime de tensão

¹³ Quando um jogador conversou comigo, falamos sobre o passado comum que tivemos. Ele perguntou sobre meus amigos, falou sobre o tempo da igreja e perguntou o que eu estava fazendo da vida. Mas essas conversas se encerraram ao passo que o jogo se iniciou. Naquele momento, a ocasião mais despojada se transformou em uma conversa direcionada ao jogo.

¹⁴ Não à toa, graças a essa pertença que ele demonstrava assistindo ao treino, pouco tempo depois ele me relatou que havia voltado a treinar pelo Adibe; segundo ele, a motivação seria por questões de saúde e estética.

interação focada – desatenção civil (GIDDENS, 2013). As noções de fé, - que já fazem parte da *trajetória de vida* (VELHO, 2003) desses agentes sociais enquanto subjetividades cultivadas pelo sagrado religioso evangélico neopentecostal popular, - são acionadas no momento de maior visibilidade desses jogos na Praça, remetendo, assim, à dinâmica de uma técnica expressivo-missionária; enquanto no treino (no bastidor espacial-temporal não acessível aos torcedores e curiosos), esse uso de técnicas corporais para a demonstração viril de adesão religiosa não é necessariamente acionada. Na prece, a narrativa sobre o treino, tal como a trajetória coletiva do time, - tendo rivais históricos e lutas mais duras, - expressa publicamente os sentimentos de pertença e de confiança no projeto coletivo de que os jogadores são merecedores da vitória, sendo todos esses momentos inscritos no mesmo espaço físico, *o campo O Luizão*.

O momento de prece operacionaliza a educação dos *sentidos* e das *técnicas corporais* (MAUSS, 2017) aperfeiçoada a partir dos treinos para uma performance moral-emotiva de ampla ressonância. Momento em que o treinador está presente com a responsabilidade de manter os jogadores em suas respectivas linhas actanciais, tal como alguns torcedores podem fazer à beira de campo, exigindo de cada um o melhor desempenho e cobrando punição adequada em caso de uma *jogada errada*. Na prece, esse *momento de treino* é apresentado enquanto a fé em que o time pode vencer, sabendo que o trabalho foi feito e que isso conquista, na lógica de reciprocidade com o divino, a *Graça de Deus*. Trata-se, então, da interface entre *corpo material* e ritualização da fé em um lugar público para as sociabilidades futebolísticas.

Figura 3 - Prêmios e troféus do Adibe, encontrados em sua sede.



Fonte: Acervo do Adibe, cedido ao autor em 2022.

No enquadramento mais geral da etnografia produzida, foi possível perceber que as técnicas corporais dizem respeito também aos modos de se apropriar e de fazer uso do espaço público, existindo ali posicionalidades, espacialidades, ritualidades e

temporalidades já sacralizadas dentro do cotidiano da Praça. E que, como tal, demandam deferência gestual, sintonia mental e performance técnico-expressiva na forma de corporeidades engajadas no torcer coletivo, na angústia e na alegria grupal pelo sucesso do time, na obrigatoriedade dos sentimentos de perda e fracasso quando o jogo é *levado* pelo adversário ou inimigo e, ainda, pela disposição de publicamente defender a *reputação* do time, expressa na cultura material de uniformes, banners, álbuns, brasões, faixas, troféus, medalhas, registros de discursos oficiais e de até mesmo de pertences pessoais de jogadores que por ali já passaram.

FIGURA 4 - Banners e fotos oficiais do Adibe expostos em sua sede.



Fonte: Autor, 2022.

A carreira moral do Adibe, - toda a sua história de investimento nas crianças e jovens do Nova Vida/Malvinas, bem como as memórias de momentos reais e imaginários de glórias e decepções, - leva à conclusão que essa instituição desenvolveu seu método bem sucedido de transmissão de *técnicas corporais* e de expressividade moral-emotivas próprias para a conformação de sociabilidades masculinas viris e guerreiras que, ainda que circunstancialmente, reverterem noções e percepções de corporalidades estigmatizadas de uma cultura moral-emotiva marginal nos confins do urbano mossoroense em *orgulho de ser do pedaço*, em *fé no time* e *gratidão a Deus*. O *altar* (Figuras 3 e 4) do Adibe, assim como a *prece* que lhe é correspondente dos jogadores (Figura 2) e dos seus fiéis torcedores (Figura 1) parecem corroborar esta hipótese.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Raoni Borges. **Medos Corriqueiros e Vergonha Cotidiana: Uma análise compreensiva do Bairro do Varjão/Rangel, João Pessoa, PB.** Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. João Pessoa: UFPB, 2015.

BARBOSA, Raoni Borges. **Emoções, Lugares e Memórias: Um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel.** Mossoró: Edições UERN, 2019.

- DUNNING, Eric. **O desporto como uma área masculina reservada. Notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações.** in: Elias, Norbert. Dunning, Eric. A busca da excitação. Difel: Lisboa. 1992. 389-412p.
- GIDDENS, Anthony. Goffman: um teórico social sistemático. In: Maria Claudio Coelho (Org. e tradução). **Estudos sobre interação: textos escolhidos.** Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 285-327, 2013.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos.** Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise.** Petrópolis: Vozes, 2012.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** Petrópolis: Vozes, 2012a.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 2019.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- PARK, Robert Ezra et al. **The city.** Chicago: University of Chicago Press, 1925.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Zahar. 2006.
- SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais.** Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979.
- SOUSA, Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas. **Bairro Nova Vida/Malvinas: urbanização, estigmatização territorial e sociabilidades na Praça Pública.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas. Mossoró: UERN, 2022.